NARRATIVAS INSURGENTES NO ENSINO DE HISTÓRIA PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Daniel Luiz Santos Meneses[1]
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0009-8939-5355
Endereço eletrônico: dlsmeneses.ppge@uesc.br

Ilka Miglio de Mesquita[2]
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5071-2415
Endereço eletrônico: immesquita.ppge@uesc.br

Palavras-chaves: Ensino de História; Metodologia outra; Educação antirracista.

INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho é analisar proposta de pesquisa de doutorado profissional em educação acerca de narrativas insurgentes no ensino de História para a educação das relações étnico-raciais, tendo em vista um diálogo entre pensamento decolonial, pedagogia decolonial, interculturalidade crítica como ferramentas teóricas e de prática pedagógica, bem como tendo a interseccionalidade como ferramenta analítica para confrontar os racismos estruturais do Brasil. A proposta de pesquisa faz parte do projeto intitulado Formação de Professores/as para a Educação das Relações Étnico-Raciais nas Licenciaturas da UESC: experiências, resistências e existências, vinculado a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPP da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus – Bahia.

De fato, o Brasil foi alicerçado no racismo estrutural. Embora haja avanços em políticas educacionais a Lei nº 10.639/03, a Lei nº 11.645/08 e PNEERQ/2024 (Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Quilombola),

[1] Doutorando Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-BA. Faz parte do Grupo de Pesquisa em Política e História da Educação (GRUPPHED). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

[2] Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Departamento de Ciências da Educação (DCIE) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-BA. É coordenadora da Linha de Pesquisa Ensino de História e Formação Docente do Grupo de Pesquisa em Política e História da Educação (GRUPPHED).

os atravessamentos dos racismos no Brasil tendem a naturalizar os preconceitos étnico-raciais, as intolerâncias religiosas, as discriminações de gênero e as homofobias. Dessa forma, faz-se necessário assumir narrativas insurgentes no ensino de História para confrontar as heranças do colonialismo na educação básica e na formação inicial de professoras/es.

Ora, a presença de práticas racistas no Brasil são heranças do colonialismo que perpassam os âmbitos da existência e que se manifestam em diferentes dimensões, por exemplo, colonialidade de poder (Quijano, 2007), colonialidade de ser (Maldonado-Torres, 2007), colonialidade de saber (Quijano, 2005) e colonialidade de cosmogonia (Walsh, 2009, p. 15). Dito com outras palavras, as heranças do colonialismo manifestam-se a partir da ideia de raça que serviu não só para classificar pejorativamente as populações do Sul do planeta, mas também alicerçou o racismo através da dominação político-social; a partir da visão pautada na desumanização que hierarquizou sujeitos inferiores e superiores; partir da perspectiva que inferioriza saberes, epistemologias, religiosidade e cosmovisões não eurocêntricas. Não obstante, consideramos que os racismos estruturais no Brasil têm suas raízes no século XIX, sobretudo, a partir das faculdades de direito e de medicina que tanto se tornaram portas de entradas para as teorias racistas da época, como também se tornaram porta-vozes da eugenia (eu: boa; genus: geração), cujo 'ideal político' era intervir na reprodução de populações, pois os mestiços personificavam a degeneração social (Schwarcz, 1993, p. 78).

Diante das heranças do colonialismo, a proposta de pesquisa tem o pensamento decolonial, a pedagogia decolonial e a interculturalidade crítica, sobretudo nas considerações de Walsh (2009, 2017) e de Candau (2017), como ferramentas teóricas e de prática pedagógica no ensino de História para a educação das relações étnico-raciais, tanto para questionar contextos históricos quanto para problematizar cenários atuais a partir de narrativas insurgentes. Com efeito, a construção de narrativas insurgentes no ensino de História será articulada com a interseccionalidade, sobretudo, com as considerações de Collins (2020), como ferramenta analítica para trazer à tona questões socioculturais que estruturam os racismos no Brasil, a fim de propor uma ética outra de sociedade que assegure as diferenças étnico-raciais e as diversidades culturais como elementos constitutivos da democracia em nosso país. Para tanto, propomos uma metodologia outra para desaprender, aprender e transgredir as fronteiras das colonialidades em espaços interculturais críticos.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico é de natureza interventiva, de análise documental exploratória e de abordagem qualitativa. Nesse sentido, serão feitas revisões sistemáticas de literatura para conhecer melhor o objeto investigado. Se a proposta de metodologia outra mostra-se aliada na construção de narrativas insurgentes no ensino de História para a educação das relações étnico-raciais, então a aplicação dessa metodologia outra possibilitará transgressões sobre as fronteiras das colonialidades em espaços escolares e acadêmico.

O fanzine (revistinhas de fãs) é um modo de impressa alternativa ou marginal, pois sua produção vai na contramão do mercado editorial. Um zine pode ser feito à mão e sua confecção é de baixo custo. Um zine poder ser confeccionado a partir de charges, tirinhas, histórias em quadrinhos e da técnica de colegam de imagens impressas da internet ou geradas por inteligência artificial (Magalhães, 1993). Os recursos para a produção de fanzines são folhas A4, lápis, borracha, régua, cola, canetinhas coloridas, canetas nanquim, grampos e grampeadores de longo alcance. Assim como o grafite, o cartaz de rua, lambe-lambe é considerado arte urbana. O ato de grudar lambe-lambe no ambiente urbano consiste não só em quebrar a monotonia dos centros urbanos, bem com oferecer algo além dos anúncios publicitários (Padovani, 2019, p. 19-20). Por sua vez, o grafite “desritualiza a arte em locais da cidade que não teriam significado algum ou seriam apenas espaços de passagem” (Costa, 2017, p. 55-57). Os recursos para a produção de cartaz lambe-lambe são folhas A4 para confeccionar posters, impressora e computador. Já os recursos para as oficinas de grafite são tinta branca a base de água, pigmentos, bandejas para pintura, brochas, rolinhos, trinchas e pinceis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um resultado que se espera da proposta de pesquisa será das análises de como narrativas insurgentes no ensino de História podem efetivar uma educação antirracista para a educação das relações étnico-raciais. Espera-se que as discussões girem torno de um modo outro que confronte a hegemonia, a heteronormatividade, a universalidade do capitalismo, a modernidade eurocêntrica e a lógica civilizatória ocidental (Walsh, 2017, p. 20). Nesse sentido, os resultados do diálogo entre interculturalidade e decolonialidade entrecruzam-se

conceitualmente e pedagogicamente (Walsh, 2009 p. 25). Pretendemos trazer à tona análises e discussões acerca de uma ética outra que implica as diferenças étnico-raciais e as diversidades culturais como constitutivas da democracia em nosso país (Candau, 2017, p.151-52), assim como se espera obter discussões tanto acerca das relações de poder relacionadas a raça, etnia, classe e gênero (Collins, 2020, p. 17), quanto de práxis críticas de interseccionalidade (op. cit., 2020, p. 51).

CONCLUSÕES

A proposta de pesquisa busca analisar como narrativas insurgentes no ensino de História podem contribuir para a educação das relações étnico-raciais não só na educação básica, como também na formação inicial de professoras/es. Com efeito, as narrativas insurgentes no ensino de História podem evidenciar práxis críticas de decolonialidade, de interculturalidade e de interseccionalidades.

REFERÊNCIAS

ANTONI, Edson; PAIM, Elison Antonio; ARAUJO, Helena Maria Marques. Insurgências no Ensino de História: narrativas e saberes decoloniais. In: SUSANA, Cesco et. al. (orgs.). **Ensino de história: reflexões e práticas decoloniais**. – 1ª ed. – Porto Alegre, RS: Editora Letral, 2021, p. 23-38.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Educación intercultural crítica: construyendo caminos**.** In: WALSH, Catherine. (org). **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO I. Quito: Abya Yala, 2017, p. 146-161.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

COSTA, Nicole do Nascimento Medeiros. **A rua respira arte!: uma antropologia do graffiti.** Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2017, 231. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38759 > Acesso: 25 de set. 2024.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense. 1993.

MALDONADO-TORRES, Nelson**.** Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.) **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.** Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). El giro decolonial. **Reflexiones para una diversidade epistémica más allá del capitalismo global.** Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.

PADOVANI, Daniel Rizoto. **Grudentos e melequentos: a utilização do lambe-lambe práticas artísticas.** 2019. 79 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2017>. Acesso: 28 de set. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz.**O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 71-78.

WALSH, Catherine**.** Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 200.

WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: Entretejiendo de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, Catherine. (org). **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO II. Quito: Abya Yala, 2017, p. 17-48.

WALSH, Catherine. Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos**.** In: WALSH, Catherine. (org). **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO I. Quito: Abya Yala, 2013, p. 23-68.